Livros de minha predileção (*)

Antonio Teodorico da Costa

As predileções por pessôas ou coisas, por isso ou por aquilo, são da natureza humana.

Ninguem poderá fugir a esse determinismo. O que não agrada a uns, é uma delicia para outros, e assim os gostos a divergirem ao infinito.

Eis por que no grande numero de livros que me teem caído sob os olhos e foram lidos com a mais detida atenção e interesse, quatro, ao todo, ficaram sendo os da minha predileção. São eles: Os Sertões, de Euclides da Cunha, a Educação Nacional, de José Verissimo, a Finalidade do Mundo, de Farias Brito, e Paginas Literarias, de Rui Barbosa.

Nos SERTÕES eu vou buscar a linguagem do infeliz prosador, empolgando-nos o espirito com aquelas frases cheias, bem meditadas, ao pintar de uma maneira admiravel cenas ou fatos, heróis de subido valor ou tipos anonimos. Ha capitulos tão fortes e tão vibrantes, que a gente sente o desenrolar dos acontecimentos, como se deles fizesse parte.

Quem já descreveu melhor a majestade dos nossos cenarios sertanejos? Quem melhor deu os traços caracteristicos do *hinterland* brasileiro? A campanha de Canudos que é, afinal de contas, o entrecho dessa obra, farta de encantamentos, teve em Euclides da Cunha o seu principal historiador.

(*) Trabalho lido no Instituto do Ceará.

Já houve quem afirmasse que esse livro é o mais completo de quantos formam a literatura nacional, e por si só faria a fama de qualquer escritor.

Quando Euclides apareceu no mundo das letras, pode-se afirmar que a nossa literatura sofria a influencia européa. "Ninguem, porém, tratava pela ciencia a terra e o homem, que dela era, ao mesmo tempo, senhor e escravo".

Sua atividade era toda ela consagrada aos serviços de engenharia, passando a vida no labor das explorações, de transito nas mãos, nas construções de vias ferreas, mas notava-se o seu decidido gosto pelos estudos de filosofia. Era já um espirito muito adiantado.

Daí por que o seu espirito se julgou capaz de nos dar uma obra do valor dos Sertões.

Um pensador brasileiro declara que naquele livro tudo é grandioso, mas nem tudo é certo. Ha contradições frisantes, que se apanham á primeira vista, a uma simples investida. Entretanto, não se pode negar o cunho cientifico desse trabalho, logo ao folhear as primeiras paginas, em que encontramos noticias exatas do *facies* geologico de uma parte da zona brasileira.

Consenti, caros confrades, que eu resuma as palavras de um brasileiro notavel ao falar de Euclides sob o ponto de vista matematico. Diz ele: seu estilo tem o esplendor das grandes harmonias, que, regidas sempre pelo numero e pela ordem e indefinidas pela abstração, condições fundamentaes da matematica, assim como exerceu o milagre audivel das epopéas e das sinfonias, produziu silenciosamente o equilibrio dinamico dos mundos.

"No dominio do calculo infinitesimal, onde a noção do numero se evapora nas abstrações do infinitamente pequeno, a matematica é poesia. Nos poemas como na musica, que não podem prescindir do ritmo, governados

sempre pelo numero, a poesia fica sendo como que uma exalação eterna da matematica. Não existe arte ou ciencia que prescinda da matematica".

Já lhe chamaram a lingua de todas as ciencias, como eu já reclamei para ela a expressão — a fala de Deus.

Como engenheiro, bom entendedor de sua profissão, construíu a ponte do Rio Pardo. E que beleza é essa ponte! E' como um tunel, "que é um Atlas em alvenaria". "Realizou ele o consorcio do numero e da letra, a Algebra, que Coelho Neto chamou a ciencia nupcial".

E' um estilo encantador, onde o conceito tem mais valor que a forma.

Não ha duvida que os Sertões honram o Brasil, e eles perdurarão, por isso que "foram escritos e pesados do alto das nossas tristezas para o infinito das nossas esperanças".

E' pelo alto valor dessa obra, toda ela feita em um estilo opulento, que alguem já disse: o seu estilo foi forjado desse fluido de que está impregnado o eter infinito, dos raios das estrelas, de canticos de alvoradas, da meia luz das madrugadas, de resplandores de um sol, de relampagos e de arco-iris, de quanta mutação de luz, enfim, para refletir-se na transparencia adamantina dos espaços.

A EDUCAÇÃO NACIONAL é um belo produto do culto espirito de José Verissimo. Patriota como quem mais o fosse, o distinto brasileiro nesse magnifico livro quis mostrar os erros mais palpitantes que estavamos cometendo; os defeitos da nossa instrução, a não comprehensão da nossa educação nacional, o modo ilogico de serem ensinadas a Geografia, a Historia Patria, etc., etc.

Pela beleza de linguagem, de classicismo impecavel; pela natureza dos assuntos tão bem explanados, essa obra devia estar sempre sobre a banca dos estudiosos,

mais do que isto, conviria ser lida pelo povo e pelas crianças nas escolas primarias.

Tres aspetos desse brasileiro ilustre, tão cedo roubado á Patria — um fino psicologo, um elegante estilista, um conciencioso critico. José Verissimo só escreveu coisas boas e uteis. Era um critico de maximo valor. Sabia analisar, ponto por ponto, todos os erros de obras que lhe era dado criticar. Falava com franqueza, não procurando agradar a ninguem. Obra, que ele elogiasse, podia desafiar a analise de quem quer fosse, porque havia de encontrar motivos para os maiores encomios. Daí, porque teve desafetos em grande numero. Mas ele seguia o seu caminho, pouco importando-se com as pedradas que lhe chegavam. Seguia e não modificava opinião, porque a analise, a que submetia qualquer obra, era sincera, completa e segura. Foi o maior critico do Brasil. Outros apareceram, mas não lhe levaram a palma.

FINALIDADE DO MUNDO é uma outra obra vazada em moldes diferentes. O seu autor foi um famoso cultor das letras. Nela vamos encontrar o filosofo a entrar conosco em profundezas tais afim de chegar á explicação do fato de nossa existencia, escalando o infinito para chegar á Verdade.

Discutia teses complexissimas para assentar em base firme e logica a serie de cogitações ao tratar a questão suprema das nossas origens e fins universais. E' um livro a mostrar em clareza solar o quanto trabalhou o espirito desse grande cearense nas locubrações da mais transcendental filosofia. Neste ramo de conhecimentos ninguem no Brasil teve maiores glorias e maiores aplausos, reputação e renome tão bem firmados.

Farias Brito tinha pendores para a filosofia. Era uma coisa atraente o ver-se procurar a incognita de um problema: induzia para depois deduzir, analisando, ponto por ponto, os dados da questão. Fazia como se

faz em matematica, quando temos diante de nós uma os para a igualdade subsequente que queremos estabelecer.

Não se prestando bem atenção a tudo isto, chega-se a um absurdo e pensamos muitas vezes que ha deficiencia de elementos, que não foram eles fornecidos com exatidão, quando a coisa é outra — é a culpa do algebrista, que armou a equação erradamente.

Farias Brito não caía nesses enganos. Ele sabia bem matematica. Logo que viu estar o seu espirito inclinado para essas questões filosoficas, tratou de estudar aquela ciencia, porque pensava ele, e pensava bem, que para se ser um bom filosofo era preciso ser-se pelo menos um sofrivel matematico.

Ele tinha o exemplo. Descartes, Leibnitz, Kant, Poincaré, Euclides da Cunha, Augusto Comte e quantos mais, que estão vivos em nosso espirito, de quem cada vez mais admiramos o saber. São culminancias dessa cadeia de imortais.

PAGINAS LITERARIAS constituem um livro de oiro. Não ha quem exceda a esse mestre dos mestres no falar e no escrever, na tribuna e na imprensa.

A' luz de sua fantasia, ao brilho maravilhoso de seu estilo, á potencia grandiosa de seu saber enciclopedico, pinta todos os cenarios e todos os quadros, e culmina sempre em todos os certames literarios, em todos os prelios do Direito, em todos as polemicas da imprensa, em todas as lutas politicas.

Neste livro estão reunidos os melhores pedaços de sua prosa encantadora, comovendo-nos a alma e fascinando-nos o espirito.

Incontestavelmente o seu autor foi a maior gloria intelectual do Brasil, e nas letras patrias o seu maior esplendor.

Que provas maiores posso eu dar desta minha assertiva do que mostrar-vos de relance a figura desse brasileiro em Haia e em Buenos-Aires? Apontado como um grande amigo da Paz, tinha chegado assim, como nosso embaixador naquele Concilio Ecumenico das Soberanias, a uma posição de destaque mundial.

A Europa toda é agora um vulcão. Aguarda-se apenas o seu explodir. E em 1914 sente-se o primeiro estremecimento, o primeiro abalo sismico daqueles corações. Aprestam-se os combatentes, enfileiram-se os exercitos, a formidavel guerra estala por todos os cantos da região civilizada.

Era um delirio de sangue em seus maiores paroxismos.

As nações da America vão tomar parte agora no conflito inominavel, naquela sangueira terrorosa, que estava a aviltar a Civilização.

O Brasil, quasi indeciso e vacilante, não firma a sua opinião, não assume atitude definitiva por uns ou por outros dos invenciveis beligerantes.

Rui Barbosa vai a Buenos-Aires em missão diplomatica, e aí profere a sua grande e oracular lição de Direito Internacional, que os povos receberam em alviçaras de oiro, como a mais bela e mais profunda de quantas pode produzir o espirito humano.

E assim, "enquanto volta de Haia, como a pomba de aliança, trazendo no bico o ramo de Oliveira da Paz, voltou tambem de Buenos-Aires como o condor da Fraternidade americana, trazendo nas garras a Magna Carta dos Povos".

"Haia foi o Ararat, onde pairou a arca dos Direitos internacionais; Buenos Ayres os Andes, onde pousou a Aguia, dando o grito de amor e de Justiça."

Que dizer dele como filologo, o mais famoso e inimitavel joalheiro da lingua, o mais profundo conhecedor

do idioma português; como jurisconsulto, uma assombrosa capacidade juridica?

E agora como crente, um doutrinador convencido e esforçado dos sãos principios ditados pelo Evangelho. Sua alma vivia iluminada pelos clarões da Fé, "que é o principio e o germe de tudo que é grande e perduravel".

Snrs., eu poderia escrever paginas e paginas sobre esse homem. Tenho lido tudo e tudo que se ha escrito sobre ele. E depois tal foi o meu fetichismo, a minha idolatria por esse vulto de minha Patria, que nunca o classifiquei como o primeiro homem do Brasil; sempre o tive, no momento em que viveu, como o primeiro homem do universo.

E quem duvidar do que afirmo, aponte-me outro de mais valor, de mais genialidade do que Rui Barbosa.